

Hermenêutica Filosófica de Gadamer: Contribuições para a Pesquisa em Psicologia

Gadamer's Philosophical Hermeneutics: Contributions to Research in Psychology

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Danielle de Fátima da C.C. de Siqueira Leite
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

19

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir as possíveis contribuições da Hermenêutica Filosófica de Gadamer para a pesquisa em Psicologia. Nessa direção, parte da problematização do modo como o conhecimento é produzido na Psicologia, com realce para a insuficiência do horizonte técnico-científico para aproximar-se dos fenômenos humanos. Recorre à Hermenêutica Filosófica de Gadamer na busca do desvelamento de outras possibilidades para tal fazer. Para tanto, parte da compreensão da hermenêutica, não na função de método, mas compreendida como condição humana originária. Aborda inicialmente o reconhecimento da influência de Heidegger para o desenvolvimento da Hermenêutica Filosófica de Gadamer e, em seguida, tece uma possível articulação entre o horizonte aberto por Gadamer e a pesquisa em Psicologia, enfocando as compreensões do filósofo acerca da compreensão, do jogo e do diálogo. Por fim, ressalta as contribuições abertas pela Hermenêutica Filosófica para descortinar “direcionamentos” inspiradores às pesquisas no contexto da Psicologia na busca de compreender os fenômenos existenciais. Tal caminho, na medida em que não busca conclusões teóricas e explicativas, ao manter-se na direção da pergunta, realça a dimensão compreensiva e hermenêutica originária da existência como radicalmente singular e possibilita a tessitura de diálogos entre Psicologia e Hermenêutica Filosófica.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia; pesquisa; fenomenologia hermenêutica; hermenêutica filosófica

ABSTRACT

This paper aims to discuss the possible contributions of Gadamer's Philosophical Hermeneutics to research in Psychology. In this direction, it starts from the problematization of the way knowledge is

produced in Psychology, with emphasis on the insufficiency of the technical-scientific horizon to approach human phenomena. It resorts to Gadamer's Philosophical Hermeneutics in search of the unveiling of other possibilities for doing so. Therefore, it starts from the understanding of hermeneutics, not as a method, but understood as an original human condition. Initially, it addresses the recognition of Heidegger's influence on the development of Gadamer's Philosophical Hermeneutics, and then weaves a possible link between the horizon opened by Gadamer and research in Psychology, focusing on the philosopher's understandings about comprehension, play and dialogue. Finally, it emphasizes the contributions made by Philosophical Hermeneutics to uncover inspiring "directions" for research in the context of Psychology in the quest to understand existential phenomena. Such a path, insofar as it does not seek theoretical and explanatory conclusions, by remaining in the direction of the question, enhances the comprehensive and original hermeneutic dimension of existence as radically unique and enables the construction of dialogues between Psychology and Philosophical Hermeneutics.

KEYWORDS

Psychology; search; hermeneutic phenomenology; philosophical hermeneutics

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Refletir sobre pesquisas em Psicologia, e no próprio campo das Ciências Humanas, impõe discutir o modo como seus conhecimentos são produzidos, assim como a concepção de verdade que as sustenta e as vias possíveis para acessá-la. Nessa direção, Barreto, Prado e Leite (2019) lembram que, tradicionalmente, essas ciências foram delimitadas epistemologicamente por filosofias positivistas, racionalistas, empírico-lógicas próprias do modelo das Ciências da Natureza, que orientam, sobretudo as pesquisas qualitativas. Nessa perspectiva lógica, a Linguagem e a Razão são tomadas como instrumentos de controle na descoberta do mundo e na ordenação da realidade, partindo de premissas teórico-explicativas.

No entanto, nas últimas décadas, diferentes possibilidades de fundamentação epistemológica para a realização de pesquisas qualitativas em Ciências Humanas inspiradas em orientações filosóficas vêm se destacando. Tais pesquisas apontam para a especificidade dos fenômenos humanos e sociais na medida em que os compreendem como não passíveis de explicações e generalizações. A esse respeito, Gadamer (2011) afirma a insuficiência do conceito de Ciência Moderna e dos procedimentos metodológicos dessa para a compreensão dos fenômenos humano-históricos.

Entre as diversas possibilidades de fundamentação das pesquisas qualitativas, a Fenomenologia, em suas diversas orientações, vem se firmando no campo das investigações com ênfase no interpretativismo e na hermenêutica. Nessa direção, vale destacar que o foco do presente trabalho, como já indicado no seu título, encontra-se na Hermenêutica Filosófica proposta por Hans-Georg Gadamer (1900-2002) como um caminho possível para pesquisas no contexto da Psicologia, mais especificamente para aquelas que se voltam para compreender os fenômenos existenciais. A Hermenêutica desafia o retrato epistemológico inspirado nas Ciências Naturais principalmente por ressaltar as diferenças fundamentais que caracterizam as Ciências

Humanas quanto à natureza e finalidade, realçando a diferença entre explicação e compreensão. Também se contrapõe às filosofias interpretativistas, ainda presentes em alguns horizontes fenomenológicos tal como na metodologia constituída por Amedeo Giorgi (GIORGI; SOUSA, 2010), autor mais vinculado às abordagens humanistas em Psicologia, que consideram que a ação humana é significativa e, desse modo, o sentido pode ser captado por um intérprete que transcende suas circunstâncias históricas por via de um procedimento metodológico.

A partir de tais considerações, o objetivo desta reflexão é ressaltar a singularidade da Hermenêutica Filosófica ao considerar que a compreensão humana não é, em primeiro lugar, uma tarefa controlada por procedimentos e regras e sim uma condição do ser humano. Nessa direção, importa discutir inicialmente a influência do pensamento de Heidegger no desenvolvimento da Hermenêutica Filosófica de Gadamer para, em seguida, articular a Hermenêutica Filosófica e a Pesquisa em Psicologia e, finalmente, pensar a Hermenêutica Filosófica como possibilidade para compreender a experiência e os fenômenos pesquisados em Psicologia.

1 A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA GADAMERIANA E SUAS RAÍZES HEIDEGGERIANAS

Para a Hermenêutica Filosófica gadameriana, a possibilidade do conhecimento parte da compreensão, considerada como dimensão ontológica constitutiva do modo de ser do existir. Gadamer (2011) parte do horizonte aberto por Heidegger em sua *Ontologia Fundamental* para estudar a questão da compreensão histórica, realçando a influência da Estética, da História e da Linguagem na formulação de sua hermenêutica.

Com Heidegger (1989), a partir de *Ser e Tempo*, a Fenomenologia alcança o estatuto de ontologia-fundamental, o que traz uma possibilidade de mudança radical ao modo de pensar ocidental, além de apontar as inadequações do modelo ontológico-substancialista, desenvolvido por Dilthey e Husserl, para pensar o existir humano. Tal mudança parte da crítica operada “por meio da revelação da *compreensão*, da implicação e da vontade de compreender, enquanto modo originário de ser de um ente que se distingue de todos os outros porque, sabendo que é mortal, habita o mundo de uma forma simultaneamente implicada e excêntrica” (SILVA, 2015, p.41, grifo do autor). A referida perspectiva, ao descentrar a ideia habitual da consciência para conhecer a realidade, leva a toda uma reinterpretação da tradição filosófica que vigorava desde os gregos, principalmente com relação ao esquecimento da questão do ser, exigindo uma “hermenêutica da facticidade” do existir, isto é, uma hermenêutica pensada a partir da analítica da própria finitude do existir humano. A dimensão de finitude ou historicidade do existir faz uma torção no pensamento hegemônico da modernidade, desmontando o modo como se processava a redução psicológica, ao mesmo tempo que abre outra perspectiva para pensar a existência humana, tocada pela finitude (mortalidade) e pela dimensão de sentido que todo homem é (SILVA, 2015).

Heidegger (1989) apresenta a compreensão como processo hermenêutico por excelência, interpretando-a como um existencial fundamental, distinguindo-a, por exemplo, do “esclarecimento” ou do simples modo de conhecer. Portanto, a compreensão, para Heidegger, antes de qualquer concepção de faculdade intelectual e de qualquer comportamento teórico, a-histórico e atemporal, diz respeito ao modo como o *Dasein* (ser-aí - modo de ser desse ente que nós somos, enquanto existência.), enquanto um ser de possibilidades, pode projetar seu ser para essas possibilidades. Possibilidade aqui é compreendida como um existencial, como a determinação ontológica mais originária do *Dasein*, não podendo ser considerada como um poder-ser solto no ar. O *Dasein* como modo de existir essencialmente disposto (afetividade-disposição afetiva) já está lançado em determinadas possibilidades e enquanto poder-ser pode encaminhar-se por algumas, o que não significa que as demais estão descartadas. Importa lembrar que “como poder-ser, a própria compreensão possui possibilidades delineadas do que nela é passível de se abrir essencialmente” (HEIDEGGER, 1989, p.201).

O projetar-se da compreensão apresenta-se na interpretação (*Auslegung*). Nessa direção, a interpretação é a elaboração temática da compreensão, funda-se existencialmente na compreensão e elabora possibilidades já projetadas. Portanto, o compreender, na interpretação, não se converte em outra coisa, a não ser nela mesma.

A compreensão procede de acordo com um movimento circular que comporta, essencialmente, uma posição prévia, visão prévia e concepção prévia (situação hermenêutica). Desse modo, nunca está isenta de pressupostos e, como constituição originária da existência humana, precede, como condição de possibilidade, toda interpretação. Importa destacar que o projeto constituído pela posição prévia, pela visão prévia e pela concepção prévia aponta para o sentido a partir do qual algo é compreendido como tal. Essa perspectiva desconstrói a noção de sentido como propriedade determinada de um ente já presente e que é alcançada pela consciência racional. Sentido é um existencial do *Dasein* e abarca o arcabouço formal que pertence ao que é articulado pela interpretação que, por sua vez, move-se na estrutura prévia da compreensão. Daí toda interpretação está fundada na compreensão e “o sentido é o que se articula como tal na interpretação e que, na compreensão, já se prelineou como possibilidade de articulação” (HEIDEGGER, 1989, p.211).

Desse modo, a interpretação, no arcabouço do pensamento heideggeriano, surge como explicitação ou apropriação do que já fora previamente compreendido, delineando, assim, o círculo hermenêutico que constitui a dimensão temporal e antecipadora do existir, assinalando o desvelamento e a sua dizibilidade expressa no discurso. Discurso aqui é compreendido como existencial tão originário como a compreensão/interpretação e o sentimento de situação (disposição afetiva) e, dessa forma, ultrapassa a abstração característica da redução clássica do dizer ao enunciar, assumindo agora uma dimensão ontológica. Tal compreensão desmonta a redução psicológica da hermenêutica moderna.

É nesse contexto, marcado pela estrutura de antecipação da compreensão da temporalidade do existir, que Gadamer (1999) retoma a problemática realçada pela conversão da “verdade” em experiência hermenêutica existencial, descentrando o conceito tradicional de sujeito da modernidade fundado numa interioridade previamente constituída que, a partir de propriedades teóricas, mentais e psíquicas, relaciona-se com o objeto que está fora. Nessa direção, apresenta a compreensão como um saber não teórico, não representacional, ligada à afetividade e articulada linguisticamente. Em sua análise, mostra que a verdade não é uma questão meramente epistemológica, de método, mas uma questão ontológica, referindo-se, portanto, à interpretação do sentido do ser.

Tal conversão, que aponta a hermenêutica como própria de um ente desprovido de natureza determinada por padrões naturais de existir, promove uma crise na Psicologia tradicional e na metodologia científica que orientava a produção do conhecimento psicológico vinculado ao paradigma das Ciências da Natureza. Ao romper com um conhecimento neutro, desimplicado e sem pressupostos, Gadamer (1999; 2011) reconhece os limites de uma metodologia que previamente calcula e planifica toda a possibilidade de conhecimento e abre, com a Hermenêutica Filosófica, a pluralidade da compreensão humana situada e implicada historicamente. Assim, ao considerar que a compreensão não pode ser controlada por procedimentos e regras, empreende uma crítica cuidadosa e fundamentada à perspectiva moderna que subordina a verdade ao método. Daí a importância de sua perspectiva para as pesquisas em Psicologia que assume a indeterminação da condição humana, colocando em questão a possibilidade de operar a partir da definição do existente humano e que tem como objetivo a compreensão da dinâmica das suas experiências.

Nessa direção, o sentido de verdade não mais se configura como mera adequação ou correspondência - *veritas*, mas aproxima-se do seu sentido originário enquanto *alétheia* (a-prefixo de negação, *letheia* - velado), significando o não velado, ou seja, aquilo que se mostra em seu ser. Aqui, o sentido de verdade só pode ser pensado em profunda intimidade com o ser, compreendido pelos gregos como *phýsis* - vigor do real que possibilita que tudo brote, conserve e desapareça (BARRETO; PRADO; LEITE, 2019). Assim, a verdade remete a movimento fenomênico que consiste na possibilidade contínua de vir a ser - jogo contínuo do desvelar-se e ocultar-se próprio do modo de ser da *phýsis*, e o compreender:

[...] não é um ideal resignado da experiência da vida humana na idade avançada do espírito, como em Dilthey, mas tampouco, como em Husserl, um ideal metódico último da filosofia frente à ingenuidade do ir-vivendo, mas ao contrário, é a forma originária de realização da *pré-sença*, que é ser-no-mundo. Antes de toda diferenciação da compreensão nas diversas direções do interesse pragmático ou teórico, a compreensão é o modo de ser da *pré-sença*, na medida em que é poder-ser e “possibilidade” (GADAMER, 1999, p. 383, grifos do autor).

A questão central da investigação de Gadamer (1999) passa a ser a natureza da compreensão (*Verstehen*) e, nessa direção, o pensador questiona a implicação binária da concepção de “compreensão” e desloca o problema para um terceiro modo de relação: uma pessoa chega a uma compreensão com outra sobre alguma coisa que ambas, portanto, entenderam. Quando duas pessoas “compreendem uma a outra” (*sich verstehen*) elas sempre o fazem a respeito de algo que não é simplesmente uma opinião, dessa forma a compreensão não pode ser pensada apenas em seu aspecto psicológico, com ênfase numa “visão” subjetiva. Para Gadamer, o que se compreende é o modo como alguém experiencia uma possibilidade de sentido de algo.

Para a Hermenêutica Filosófica, toda compreensão consiste num compreender-se junto a... e configura-se sempre num projetar-se, de modo que “tão logo apareça um primeiro sentido no texto, o intérprete prelineia um sentido do todo” (GADAMER, 2011, p. 356). O intérprete possui sempre expectativas e encaminha-se na orientação de um sentido, já previamente aberto, sendo a compreensão do interpretado a elaboração desse projeto prévio, que precisa ser “[...] constantemente revisitado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido” (p. 356). Toda compreensão é um haver-se consigo que faz com que alguns dos preconceitos (conceitos prévios) daquele que se encontra no jogo compreensivo saltem aos olhos, há um estranhamento que possibilita que esses preconceitos sejam revistos e transformados.

Chega então o momento de questionar de que modo a compreensão e interpretação a partir de Heidegger e, principalmente, de Gadamer podem contribuir para a pesquisa em Psicologia. Como enveredar por caminhos que levem a outras possibilidades de compreensão e interpretação dos fenômenos existenciais na pesquisa em Psicologia?

2 HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E A PESQUISA EM PSICOLOGIA: OUTROS HORIZONTES ABERTOS

A Psicologia enquanto Ciência Moderna surgiu no último quarto do século XIX, amparando-se e buscando atender aos ditames dessa Ciência, sob fortes bases da Fisiologia Experimental e do referencial mecanicista-materialista. Desse modo, submete-se ao projeto epistemológico que dominaria a modernidade: a busca de um saber que pode ser comprovado, operacionalizado como técnica e, assim, aplicado. Os resultados das pesquisas de base fisiológica tornariam o conhecimento dentro do campo da Psicologia mais objetivo e, portanto, confiável. Esse campo de conhecimento já percorreu um longo caminho e sob a influência de diversas escolas do pensamento deu origem a várias teorias e sistemas psicológicos que apontam a predominância da ênfase epistemológica técnico-explicativa na sua constituição como ciência independente. Tal tendência orientou o movimento empreendido pela pesquisa científica em Psicologia, com múltiplas metodologias, epistemologias, políticas e éticas, favorecendo as estratégias da pesquisa experimental de base quantitativa.

O enveredar da Psicologia pelo campo da investigação qualitativa suscita discussões calorosas nas universidades, com realce para o significado e o valor

científico de tais investigações. Além disso, aponta para um certo descuido com relação à metodologia, que deveria estar aliada a uma reflexão crítica do referencial teórico ou epistemológico do pesquisador. Referidas discussões refletem a dispersão do pensamento psicológico, além de realçarem as diferenças entre as pesquisas fenomenológicas, em grande parte vinculadas à Fenomenologia de Husserl, com propostas metodológicas definidas e guiadas pelo objetivo de “apresentar um método adequado à psicologia científica, entendida como ciência humana” (GIORGI; SOUSA, 2010, p.73).

Porém, diferentemente da Fenomenologia de Husserl, a de Heidegger e a de Gadamer não se reduzem à descrição das estruturas do ser do homem, abandonando a determinação do homem como sujeito psicológico ou transcendental. O pensamento de Heidegger pode influenciar na constituição do campo da Psicologia ao promover uma crítica à Antropologia Filosófica, que opera com a possibilidade de determinação do ser do ente humano, com ênfase no quadro epistemológico construído em torno da noção de consciência a partir de teorias científico-naturais. Para além de qualquer determinação prévia, Heidegger apresenta a constituição fundamental do existir humano como *Dasein*, que, enquanto existência, configura-se como “um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe falta a partir de sua clareira” (HEIDEGGER, 2001, p.33). Ao suspender as teorias que orientam a compreensão do ser do homem e apresentá-lo como “existência”, desconstrói a noção de sujeito e interioridade psíquica e orienta a compreensão do ente humano para a dinâmica das experiências do existente. Nessa direção, a compreensão assumida como existencial traz uma nova orientação para as pesquisas desenvolvidas no campo da Psicologia, que objetivam compreender a experiência dos participantes/colaboradores com relação a um determinado fenômeno existencial, humano, clínico.

Esse breve recorte objetiva clarear o ponto de partida das pesquisas tradicionais no contexto da Psicologia que, enquanto posição prévia, envolve uma rede de sistemas e teorias com territórios demarcados pela orientação teórico-científica e hierarquias próprias as quais convém reconhecer, mas que no momento não serão contempladas já que encaminhariam o texto numa outra orientação. Cabe para o objetivo atual indicar que a posição prévia, ao corresponder a um modo específico de recorte do campo, determina o significado do que vem ao encontro e marca um modo hermenêutico-fenomenológico de consideração dos problemas que revela o campo como historicamente constituído, no qual as constelações relacionais sedimentadas apontam para o modo como o fenômeno se apresenta. No entanto, reconhecer a implicação da posição prévia de um fenômeno não é suficiente para definir formas próprias de como a relação se dá, embora ao se demarcar a visão prévia e a concepção prévia se possa suspender a pretensão de universalidade erguida pelo conhecimento científico e ressaltar a dimensão do sentido ligado à compreensão da historicidade e do mundo vivido.

A situação hermenêutica (compreensão, interpretação e sedimentação) implica uma indeterminação ontológica originária cuja circularidade não pode ser compreendida como essência histórica. Como bem aponta Casanova, “ser um ente

radicalmente hermenêutico, contudo, significa não ter determinação ontológica prévia ao círculo, mas precisar ser a partir de apropriações específicas internas a ele” (2019, p.136). Daí o existente humano, por ser radicalmente hermenêutico, precisa conquistar seus modos de ser em meio ao círculo hermenêutico, enquanto possibilidades concretizáveis num campo relacional histórico específico. Referida concretização, enquanto comportamento histórico, não é uma ação de auto-reflexão nem suspensão formal dialética, mas uma experiência “que experimenta realidade e é ela própria real” (GADAMER,1999, p.512).

Está aqui claramente posta a inquietação que atravessa a pesquisa como situação hermenêutica, já que para a ciência não resta lugar para a historicidade da experiência, compreendida como não passível de controle e reprodutibilidade na busca da verdade. Tal inquietação realça a possibilidade e importância da Hermenêutica Filosófica para as pesquisas em Psicologia que têm como objetivo compreender as experiências do existente. Contrariando a posição do método científico, Gadamer (2011) aponta para um momento qualitativamente novo ao considerar que a experiência faz parte da dimensão histórica do homem e que nela brota na consciência o novo objeto verdadeiro, como aquele que “contraposto ao antigo objeto, no sentido do ainda não verdadeiro, surge como verdade da consciência” (HEIDEGGER, 2014, p.214). O experienciar é compreendido, agora, como o modo como a consciência vai à procura da verdade do verdadeiro que aparece, não enquanto representação de um objeto que está posto fora, mas como uma possibilidade de conseguir chegar à compreensão, estendendo-se para algo que é alcançado. Experiência, nessa direção,

[...] é o modo de estar-em-presença do que está presente, que se essência no pôr-diante-de-si (*Sich-vor-stellen*). O novo objeto que, em cada caso, surge à consciência na história da sua formação não é um verdadeiro ou um ente qualquer, mas sim a verdade do verdadeiro, o ser do ente, o aparecer do que aparece, a experiência (HEIDEGGER, 2014, p.215).

Portanto a experiência, na perspectiva gadameriana, adquire um movimento novo, faz parte da dimensão histórica do homem e tem como pressuposto que determinadas concepções sedimentadas sejam postas em xeque de modo a permitir a elaboração de novas experiências (GADAMER, 1999). Conhecer é o resultado de todo saber como experiência da própria historicidade e, desse modo, é a verdadeira raiz da temática hermenêutica como condição básica da pluralidade da compreensão humana, já que não existe conhecimento neutro e desimplicado de pressupostos para a condição humana, compreendida como histórica e finita.

Isto significa considerar que o ser-humano já está desde sempre situado numa história ou tradição e, por ser finito, parte sempre de um horizonte concreto, singular e situado na compreensão. Daí fica clara a relação da experiência hermenêutica com a tradição, já que é esta que deve chegar à experiência. Sendo assim, a tradição não pode ser desconsiderada e sim interrogada de modo a acolher ideias sedimentadas do horizonte compreensivo do intérprete/interlocutor que lhe permite afastar-se e

aproximar-se de um fenômeno interrogado, abrindo-o para a possibilidade do discurso e da compreensão. Gadamer (1999) chama atenção que “tradição não é simplesmente um acontecer que se pode conhecer e dominar pela experiência, mas é *linguagem*, isto é, que fala por si mesma, como faz um tu” (p.528, grifo do autor). Assim, o diálogo em conversação abre novas possibilidades compreensivas, na medida em que outros horizontes são abertos na busca de compreensão de sentido, mediados pela linguagem e pela tradição, para o existir humano e para os entes mundanos.

Desse modo, é possível inferir que o movimento de compreender e interpretar, considerado como o acontecer do sentido, implica uma historicidade que não se esgota. Portanto, sentido não está vinculado a um significado já dado e definido de modo categorial, mas pertence ao que é articulado pela interpretação que compreende. Nessa direção, “sentido é um existencial da pré-sença e não uma propriedade colada ao ente sobre o ente, que se acha por ‘de trás’ dela ou que paira não se sabe onde, numa espécie de ‘reino intermediário’” (HEIDEGGER, 1989, p.208, grifos do autor). Partindo de tal compreensão, a Hermenêutica de Gadamer, ao se apresentar em um jogo de pergunta e resposta está implicada na disposição de deixar valer a tradição e, desse modo, requer uma forma fundamental de abertura à experiência, não existindo compreensão livre de preconceitos. Em tal direção, pode-se apontar o caráter participativo, dialógico e conversacional da compreensão, em estreita ligação com a linguagem, implicada num jogo de pergunta e resposta que ressalta o perguntar como disposição ao aberto, no qual a resposta não está posta como conhecimento da verdade, mas como possibilidade de desvelamento de um horizonte compreensivo acerca do fenômeno interrogado que se mostra no próprio jogo.

27

3 CAMINHOS PARA AS PESQUISAS EM PSICOLOGIA

Segundo Heidegger (2001), esse “outro modo” que lida com a compreensão como anterior à representação conceitual envolve um caminho inteiramente diferente do empreendido pela tradição metodológica dominante na Psicologia Científica, já que compreende método em seu sentido original, como *met-hodos*, o “caminho para”, que se refere a “*envolver-se de modo especial na relação com aquilo que nos vem ao encontro*”, já que “faz parte da fenomenologia o ato de vontade de não se fechar contra este envolver-se” (p.136-137, grifos do autor).

Aqui, caminhar supõe o envolver-se/afetar-se com compreensões prévias ou posições prévias historicamente herdadas, denominadas por Gadamer de preconceitos, que atestam o pertencimento do ser-humano à tradição. Referida tradição, segundo a experiência hermenêutica, deve chegar à experiência como um acontecer que se dá pela linguagem, compreendida em sua dimensão dialógica como elaboração da conversação entre pesquisador e pesquisado/colaborador, levando ao desvelamento de sentidos. Sentido, aqui referido numa dimensão perspectivista e de preconceitos, mais que os julgamentos, constituem o horizonte histórico no qual o intérprete – aquele que busca compreender – está inserido (BARRETO; PRADO; LEITE, 2019). O horizonte em questão não é fixo e está sempre em movimento por

um processo de expansão que Gadamer nomeia como “fusão de horizontes” histórico-culturais entre pesquisador e colaborador.

Na Hermenêutica Filosófica, horizonte constitui um âmbito de visão pelo qual algo pode ser visto (compreendido) e “fusão” é a possibilidade de desvelamento de um horizonte comum, que não se constitui na sobreposição de um sobre o outro, mas num campo compreensivo que se desvela na interpenetração de dois ou mais horizontes que se encontram/confrontam no jogo. Para tanto, Gadamer (2011) destaca que se faz necessário que aqueles que se lançam no jogo estejam dispostos a fazer valer em si o estranho e o adverso, ao mesmo tempo em que pressupõem que o outro tem algo a dizer. Ressalta ainda que a tradição – nossos pré-conceitos –, antes de ser algo que precisa ser lapidado, constitui-se como horizonte prévio que possibilita o próprio pôr-se em jogo, todavia adverte que este não deve ser assumido enquanto algo a ser confirmado ou mesmo lapidado, mas apenas enquanto um horizonte possível pelo qual algo pode ser visto/assumido. Nessa direção, o horizonte do pesquisador/intérprete é determinante, não por ser “[...]um ponto de vista próprio que se mantém ou se impõe, mas como uma opinião e possibilidade que se aciona e coloca em jogo e que ajuda a apropriar-se verdadeiramente do que se diz no texto” ou no próprio diálogo (p. 503).

Para Gadamer (2011), estar em jogo implica reconhecer que não são os interlocutores que ditam as regras do jogo, mas é o próprio jogo que os conduz, de modo que nunca se sabe de antemão o que acontecerá ou mesmo aonde se irá chegar. Assim, “*Todo jogar é um ser-jogado. O atrativo do jogo, a fascinação que exerce, reside justamente no fato de que o jogo se assenhora do jogador. [...] É o jogo que mantém o jogador a caminho, que o enreda no jogo e que o mantém nele*” (p. 160, grifo do autor). Nessa direção, a pesquisa pode ser compreendida enquanto jogo, ação de lançar-se frente ao ainda não conhecido, orientando-se pelas direções que são abertas no próprio pôr-se a caminho. O não saber aqui não se configura como falta de informação ou de conhecimento, mas implica a própria condição originária de ser de tudo aquilo que possa vir à presença.

Faz-se, pois, importante lembrar que toda experiência hermenêutica “[...] pressupõe a estrutura da pergunta. Não se faz experiências sem a atividade do perguntar” (GADAMER, 2011, p. 473). Aquilo que move o intérprete/jogador na direção da experiência é aquilo que não se submete às opiniões preestabelecidas, é aquilo que o desaloja, estranha.

A partir desse horizonte, a ação de pesquisar parte de uma questão-problema (pergunta-disparadora), que se revela a partir do já conhecido, mas impõe o reconhecimento do não saber. Pois, como destaca Gadamer (2011, p.474), “para perguntar, é preciso querer saber, isto é, saber que não se sabe”, de modo que todo conhecer parte de um interrogar-se. Nessa direção, o pesquisador que se lança num caminhar aberto pela Hermenêutica Filosófica não possui um roteiro prévio, de modo que “[...] as próprias perguntas nos ocorrem, surgem ou se impõem, e não somos nós que as levantamos e as colocamos” (GADAMER, 2011, p. 478). É claro que toda pergunta possui um sentido, sentido enquanto orientação, e frente à pergunta, pesquisador e pesquisado são lançados em uma perspectiva, perspectiva que, como

já ressaltado, abre-se a partir do horizonte histórico, visão de mundo à qual pertencem. Gadamer adverte ainda que

[...] todo saber acaba passando pela pergunta. Perguntar quer dizer colocar no aberto. A abertura daquilo sobre o que se pergunta consiste no fato de não possuir uma resposta fixa. Aquilo que se interroga deve permanecer em suspenso na espera da sentença que fixa e decide. O sentido do perguntar consiste em colocar em aberto aquilo sobre o que se pergunta, em sua questionabilidade. Ele tem de ser colocado em suspenso de maneira que se equilibrem o pró e o contra. O sentido de qualquer pergunta só se realiza na passagem por essa suspensão, onde se converte numa pergunta aberta. Toda verdadeira pergunta requer essa abertura, e quando essa falta, ela é, no fundo, uma pergunta aparente que não tem o sentido autêntico da pergunta (GADAMER, 2011, p. 474).

A abertura da pergunta não é ilimitada, mas encontra-se sempre já circunscrita a um horizonte prévio, de modo que toda resposta é sempre resposta para uma pergunta. Cabe, ainda, reconhecer que a experiência hermenêutica é linguística e que se desvela no acontecer de um diálogo, que consiste em pôr-se adiante frente a uma pergunta disparadora (questão-problema) que, na medida em que encaminha uma resposta, abre outras perguntas, visto que cada pergunta é resposta de uma pergunta anterior e que cada resposta abre novos horizontes, inquietações, questões. Compreende-se, assim, que o círculo hermenêutico nunca se fecha e uma compreensão totalizante acerca do fenômeno estudado jamais seria possível. Estar atento ao diálogo impõe a cada participante pôr em questionamento seus preconceitos e manter-se na abertura para o novo, sendo o novo compreendido como mais um âmbito de visão pelo qual algo pode ser visto/compreendido em seu aparecer.

Nessa perspectiva, a própria pesquisa é assumida como tessitura de múltiplos diálogos que desvela uma possibilidade compreensiva que se descortina a partir da interpenetração dos seus múltiplos horizontes. Cabe ao pesquisador lançar-se em jogo, atentando-se para aquilo que se revela no acontecer do diálogo junto ao pesquisado/interpretado. A compreensão que aqui se revela constitui-se como possibilidade do acontecer de uma “fusão de horizontes” que se descortina em uma conversação, em uma conversa-em-ação, em um “versar-com”, que não visa em momento algum esgotar as possibilidades compreensivas acerca do fenômeno-interrogado, uma vez que isso jamais seria possível. Mas implica o desvelamento de uma linguagem comum na medida em que “compreender o que alguém diz é pôr-se de acordo na linguagem e não transferir-se para o outro e reproduzir suas vivências” (GADAMER, 2011, p. 497).

Pôr-se de acordo implica, pois, reagir frente ao outro, assim como deixar espaço para o seu ponto de vista, deixando-se por esse interrogar-se. Isso não implica a dissolução de nenhum horizonte, muito menos quer dizer que os participantes precisam compreender a mesma coisa, mas que possibilidades compreensivas outras

são reveladas de modo que já não se pensa mais como se pensava, uma vez que no acontecer do diálogo, os próprios participantes se transformam na medida em que seus pressupostos são desafiados e podem ser modificados nesse encontro/confronto.

A pesquisa (ou o que se desvela dela), a partir da perspectiva da Hermenêutica Filosófica, configura-se como um horizonte possível que se dá num “versar-com”, impondo o reconhecimento de que diálogo implica dois ou mais horizontes e um jogo no qual se pressupõe que o outro tem sempre algo a nos dizer sobre aquilo que buscamos conhecer/compreender. Importa destacar que aqui o outro não se refere a uma subjetividade individual, mas ao próprio estranhar-se frente a outro horizonte possível que lhe toca e o convoca a pensar. Assim, o sentido que se revela na pesquisa depende de todos aqueles que se encontram em seu acontecer, lembrando que sentido não remete a nenhum tipo de redução ou contraposição de uma consciência a outra, mas implica o estar jogado/lançado de modo que seu movimento não visa a nenhum alvo a princípio, nem depende de nenhum sujeito fixo.

O que “resulta” da pesquisa, nessa direção, não está sob o domínio do pesquisador, mas esse, ao manter-se aberto ao “novo” e lançar-se no caminho da pergunta, encaminha-se pelo enredo que se desvela no próprio caminhar da pesquisa. Aquilo que se mostra ao final desse jogo é algo totalmente novo, sem, todavia, configurar-se no aniquilamento dos horizontes prévios, nem mesmo na sobreposição de um sobre outro. Constitui-se no aparecer de um horizonte que se descortina na hermenêutica do pesquisador, enquanto jogador, que se mantém no caminho jogado que o enreda no jogo, na medida em que resguarda o mostrar-se do fenômeno interrogado. Borges-Duarte (2020) destaca, pois, que a ação de pesquisar, nessa orientação, encaminha-se na dimensão da experiência compreendida como ir “numa determinada direção, levando consigo e conduzindo a um lugar de chegada aquilo que se é e se tem consigo” (BORGES-DUARTE, 2020, p.97), já visto que toda compreensão é um compreender-se *junto a...*

30

4 DESFECHOS POSSÍVEIS

Frente ao que foi discutido e rumo ao encaminhamento de algumas considerações, chega-se, como na elaboração de uma pesquisa, ao momento de tecer alguns desfechos acerca da questão interrogada/pensada: como pensar a pesquisa no contexto da Psicologia a partir de articulações com a Hermenêutica Filosófica de Gadamer? O termo desfecho, aqui, assume a compreensão do jogo hermenêutico e, nesse sentido, implica o próprio movimento que, ao mesmo tempo que fecha, abre novas interrogações. É nessa direção que o fechamento deste trabalho se encaminha.

Assim, diante do caminho percorrido, vale ressaltar a importante contribuição da Fenomenologia Hermenêutica de Heidegger e da Hermenêutica Filosófica de Gadamer como possibilidades de rompimento com a hegemonia das epistemologias tradicionais no campo das pesquisas em Psicologia. Tais pensadores, ao pôr em questão a racionalidade metafísica para a compreensão do ser-humano, abrem a possibilidade de se compreender a experiência e os fenômenos humanos a partir de

outros horizontes. Redirecionam, assim, a Psicologia (e a própria compreensão de sua ação) para o acolhimento da dimensão ontológica originária da existência humana e, nessa direção, abrem outros caminhos para as pesquisas. Caminhos que se aproximam mais afinadamente à própria condição originária da experiência humana e assim recebem/recolhem o aparecer singular da experiência que se dá em cada situação hermenêutica.

Importa, ainda, ressaltar que a compreensão que se revela no pesquisar, a partir da Hermenêutica Filosófica, não oferece generalizações, mas mantém-se sempre aberta na própria circularidade do círculo hermenêutico, que como foi visto configura-se como um existencial originário do modo de ser desse ente que somos – enquanto compreensão, disposição e linguagem. O conhecimento, ou melhor, a compreensão que se desvela na ação de pesquisar aproxima-se assim do sentido de verdade enquanto aquilo que se “re-vela”. Nesse sentido, o conhecimento é sempre transitório e circunscrito a um determinado horizonte histórico e o “verdadeiro” conhecimento, antes de impor resposta, percorre o caminho da pergunta, resguardando o mistério que constitui a existência humana em sua condição originária. E, nessa direção, o “concluir” de uma pesquisa, antes de significar o encerramento de questões ou dos horizontes que rodeiam um fenômeno, configura-se como um desfecho, que se revela como possível resposta a uma pergunta que, na medida em que é respondida, abre muitas outras interrogações/questões. Pesquisar, nessa perspectiva, impõe ao pesquisador (psicólogo) reconhecer o seu não saber, lançando-o na direção do ainda não, orientando-se pelo jogo da “pergunta e resposta”. O não saber, como é aqui compreendido, não significa ignorância, falta de conhecimento ou mesmo de uma opinião acerca de algo, mas revela a condição originária de inescrutabilidade do próprio compreender à medida que resguarda a indeterminação e a singularização que constituem originariamente a própria existência, modo de ser do ente humano e, assim, de tudo aquilo que diz respeito / corresponde ao ser-humano.

Tal perspectiva abre, pois, outros pontos de partidas para as pesquisas no campo da Psicologia, horizonte que em certa medida assume como horizonte prévio a condição radicalmente singular que constitui a existência humana e, nessa medida, solicita ao psicólogo-pesquisador manter-se na direção da pergunta e compreender o próprio ato de perguntar-pesquisar enquanto uma situação hermenêutica.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, C. L. B. T.; PRADO, R. A. A.; LEITE, D. F. C. C. S. Hermenêutica Filosófica de Gadamer e Pesquisa em Psicologia. In: Práticas em Pesquisa e pesquisa como prática: experimentações em Psicologia. (Org.) Barbara Cabral, et al. Curitiba: CRV, 2019. p. 49-66.
- BORGES-DUARTE, I. Dúvida e Provação como experiência de crise: Hegel para psicólogos. In: Sofrimento, Existência e liberdade em tempos de crise. (Org.) Elza Dutra. Rio de Janeiro: IFEN, 2020.p. 79-102.
- CASANOVA, M. Pontes sobre o nada: narrativas do sofrimento e transformação existencial. In: Revista Natureza Humana, v.21, n.2, 2019, p.130-149.

31

GADAMER, H.-G. Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIORGI, A.; SOUSA, D. Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim de Século, 2010.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

_____. Seminários de Zollikon. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. Caminhos de Floresta. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

SILVA, M. L. P. F. Hermenêutica Filosófica: metodologia e apresentação de um percurso temático. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015. (E-book.) Disponível em:

<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/ebook_hermen_utica_filos_fica%20(1).pdf.Acesso em: 27 set. 2022>.

Submetido: 13 de outubro de 2023

Aceito: 13 de novembro de 2023